

A PAIXÃO DE DIONÍSIO

Por Ana Carolina Marceliano

Fev/2012

Belém, Pa

Personagens

MARIA – Gari (uniforme laranja e carrinho de lixo com material de limpeza)

JURANDIR – Gari (uniforme laranja e carrinho de lixo com material de limpeza)

DIDI – Vendedor de Raspa-Raspa e cacarecos de toda espécie, embriagado e embriagante. (Carrinho de Raspa-Raspa multiuso em forma de Barco, contém som, adereços de cena e desdobra-se em palco)

CENA I – O ACORDO

(Cenário: Praça. Feira. Rua. Maria e Jurandir recolhem o lixo. Didi entra falando no microfone e empurrando o carrinho de raspa-raspa)

DIDI = Olha o raspa-raspa do Didi, o mais querido da galera. Tem de acerola, tem de goiaba, tem de limão, tem de fruti-fruti, (vê as duas) e tem até de laranjinha...

MARIA = Fala, Didi! Tudo bom contigo?

JURANDIR = E aí, maninho?! Qual vai ser a lorota de hoje?

DIDI = Ahhh, eu não vou mais gastar o meu bafo com vocês que não me acreditam! Um dia eu ainda vou embora, vender meu raspa-raspa lá pra mosqueiro e vocês vão ficar aqui com saudade do Didi... Mas eu não vou voltar! Já disse, NÃO GASTO MAIS O MEU BAFO COM VOCÊS!!!

JURANDIR = Ainda bem, vai me poupar desse teu bafo de bebum! Vem cá, o quê que é que tem nesse teu raspa-raspa que tu tá sempre assim alegrinho?

MARIA = Ô, Didi, não liga pra Jurandir, não! Ela é assim porque a marida dela deixou dela. Mas ó, eu adoro as mentiras que tu contas. Conta outra hoje! Eu adoro aquela dos Leões que comiam gente dentro daquele estádio, o COMI-EU!

DIDI = Tu tá querendo dizer o COLISEU?!

MARIA = É! É isso aí!

DIDI = Primeiro Maria, é que não são mentiras, quer dizer, são mais ou menos mentiras. Porque teatro é mentir pra falar a verdade. E segundo que não importa o quanto eu explique tu entendes tudo errado...

JURANDIR = Ahhahaha!! Chamou de Burra!!! Toma-te!!

(Maria magoada vai recolher lixo)

JURANDIR = Olha aqui, Didi, não chama minha colega de burra, tá. Ela é muito minha amiga e se ela não entende é porque tu falas um monte de doidisse e não explica direito.

DIDI = Ah é?! Eu não explico direito? Então hoje eu vou explicar do começo!!! E também chega de monólogo, vocês vão aprender fazendo! Ou eu não me chamo DIONÍSIO! O Deus do Teatro! Deus do Vinho! Da fertilidade! (se empolga e começa a agarrar Jurandir) Das festas, do lazer, do prazer...

MARIA (voltando) = Ai, tu só sabes falar disso, que tu és o BamBamBam do teatro, mas cadê que tu és famoso? Não aparece nem na televisão, ninguém nem te conhece.

JURANDIR= É verdade! Se tu és mesmo famoso, diz aí um comercial que tu já fizestes? Quero ver!

DIDI = Ah é? Então diz aí o nome de uma peça de teatro que vocês já viram! Só uma!

(Alguns segundos de profundo e sepulcral silêncio)

DIDI = Viu só, tá vendo? Vocês não sabem dizer o nome de peça nenhuma porque vocês não sabem nem o que é, talvez até já tenham visto, mas não sabem o que é teatro.

JURANDIR= Olha aqui meu filho, dá licença que eu tenho muito trabalho pra fazer, não tenho tempo pra perder com besteira.

(Jurandir vai limpar a praça)

DIDI = Escuta, Maria, eu vou fazer uma proposta pra vocês duas. Vocês deixam eu contar a minha história hoje, uma última vez, sem chateações, e se mesmo assim vocês não gostarem ou não entenderem eu desisto de uma vez por todas e vocês nunca mais vão me ver. Que tal?

MARIA= Mas aí tu vais trabalhar aonde? (se mostra preocupada, Didi aproveita para “consolar” apalpando Maria)

JURANDIR (voltando) = Agora eu gostei! Quer dizer que eu nunca mais vou ver essa tua cara de vagabundo na minha praça! Eu topo perder um dia de trabalho pra ter a paz e tranqüilidade nos outros dias, pra mim tá fechado.

DIDI (pega no carrinho uma garrafa diferente e entrega um raspa-raspa com três canudinhos à Jurandir e à Maria) = AHA! Agora sim! Então pra selar, dá um chupadinha aqui! (Os três chupam como que para selar um acordo mágico)

CENA II – O RITUAL

JURANDIR = E aí? O quê que a gente tem que fazer?

DIDI = Tudo. Tudo que eu mandar. Eu serei o Diretor!

MARIA = E eu vou ser quem?

DIDI = A minha atriz principal!

JURANDIR= E eu faço o quê?

DIDI = Você, coisa feia, faz massagem no meu pé! (JURANDIR faz massagem no pé de DIDI enquanto ele procura alguma coisa na lixeira de Jurandir, encontra um pedaço

de ferro e usa para bater as três campas em uma das garrafinhas de suco do carrinho)
Bom, já que estamos com um elenco desfalcado eu farei também o NARRADOR!

MARIA= (baixo para Jurandir) O que é o narrador?

JURANDIR= É tipo o Galvão Bueno, fica falando o que tá acontecendo.

DIDI = Respeitável e desrespeitável público! Abri vossos ouvidos! Esticai vossos olhos, porque hoje lhes será apresentada, como nunca antes, a tragicomédia da criação do mundo, ou pelo menos do teatro, que não começa bem do começo, mas que já é o bastante para o divertimento de uns e demais para o saco de outros. Pois bem, aviso de antemão que o espetáculo será todo apresentado em 3D, portanto, se alguém precisar dos óculos escuros eu disponibilizo ali à venda no meu carrinho, inclusive quem quiser comer e beber durante o espetáculo pode, eu tenho ali raspa-raspa e pipoca pantera. Cof Cof! (Faz gargarejo com um pouco de raspa- raspa.) Há muito, muito tempo atrás, quando o homem (aponta para si) ainda se parecia muito com o macaco (aponta para Jurandir), ele dependia da chuva para sobreviver (joga suco para todos os lados), porque a chuva cuidava das plantações, então certo dia quando a seca chegou alguém da tribo teve uma brilhante idéia pra resolver o problema.

JURANDIR = Eles ligaram pra COSANPA?

DIDI= Não tinha COSANPA naquela época, Jurandir, e nem telefone. Eles tiveram a idéia de imitar!

MARIA= Imitar? Mas como isso ia resolver o problema da seca?

DIDI = Não ia, Maria, mas a imitação serve pra muita coisa, pra gente se comunicar, expressar desejos e o mais importante: ajuda a aprender!

MARIA= Mas então eles imitaram o quê?

DIDI = A chuva!!!

(Didi liga o som do carrinho, pega Maria e Jurandir pela mão e os três começam a dançar imitando a chuva, aos poucos surge uma coreografia ao som de aparelhagem e os três cantam em ritmo de tecnobrega)

TODOS: E chove! E chove! E chove, chove, chove!

(Didi vai se empolgando com a coreografia e termina agarrando as duas)

MARIA e JURANDIR= Ihhhhh, Sai pra lá!!!

MARIA= Mas pera ai, então isso é teatro??

DIDI = Não, mas é o começo! Isso é um ritual! Teatro é o que veio depois!

CENA III – O SURGIMENTO DAS PAIXÕES

DIDI = Acontece que todo mundo começou a ter rituais, rituais pra tudo, pra chover, pra caçar, pra terem boa colheita, ishi, virou moda fazer ritual. E os rituais que mais “bombaram” naquele tempo foram aqueles ligados à morte e renascimento da vegetação.

MARIA = Como assim? Que graça tem isso?

DIDI = Bom, tu sabes que o homem só nasce uma vez, certo?

MARIA = Certo.

DIDI = E que também só morre uma vez, certo?

MARIA = Certo

DIDI = Pois é, daí que todo mundo ficava intrigado com a vegetação que nascia, morria e nascia de novo todo ano. Então esses rituais que falavam da vida, morte e ressurreição ficaram conhecidos como as paixões!

MARIA: Ah, entendi, é tipo assim, a paixão de cristo!

DIDI= É... tipo assim, a paixão de Dyonísus!!!

JURANDIR= Ihhh, lá vai contar vantagem...

DIDI = Foi mais ou menos nessa época que eu me descobri no teatro (enquanto conta serve raspa-raspa para todos), ou melhor, descobri o teatro. Eu tava andando lá por Atenas, na Grécia, quando ouvi de longe um falatório, uma cantoria ai eu pensei comigo: “É festa! Vou lá!”. Quando eu cheguei vi um *bucado* de gente dançando e cantando (Maria e Jurandir dançam e cantarolam no centro) era um ritual! Daí que na frente daquele monte de gente que cantava a mesma coisa tinha um carinha sem graça que contava uma história, e adivinhem só de quem ele tava falando?!

JURANDIR = (para Maria) Ih, ele vai dizer que tava falando dele.

DIDI= De mim! Imaginem só... Ele tava contando a história da minha vida.

(DIDI tira dois cocos de uma das lixeiras e põe na mão de cada uma, elas usam as metades como máscaras)

MARIA E JURANDIR (cantando) = *Pena tão sem pena – a Baco*

celebrando com gritos de Evoé!

Quem vai aí, quem vai aí? Quem?

*Para dentro de casa se afaste, uma fala piedosa
cada um tribute!*

*Sempre, o que pelo uso está consagrado
a Dioniso cantarei!*

DIDI COMO TÉSPIS (debocha e representa muito mal) =

À terra de Tebas vem, Dioniso,
de Zeus filho, a quem outrora deu à luz Sémele,
filha de Cadmo, pela chama do raio assistida.
E blá blá blá...

UÓ! O cara era muito ruim, minha gente. Fui lá, dei uma chave de braço nele e sem que ninguém percebesse roubei a máscara e arrasei.

MARIA E JURANDIR = *Quem vai aí, quem vai aí? Quem?*

*Para dentro de casa se afaste, uma fala piedosa
cada um tribute!
Sempre, o que pelo uso está consagrado
a Dioniso cantarei!*

DIDI (ao estilo novela mexicana)= OHHH! À terra de Tebas venho, **EU**, Dioniso!!!

de Zeus filho, a quem outrora deu à luz Sémele,
filha de Cadmo, pela chama do raio assistida.
Mas, não! Oh o que vejo!!! Não! Não! Nãooooo!
O túmulo de minha mãe, a fulminada, vejo,
ao palácio vizinho, e as ruínas da sua morada,
do fogo de Zeus uma chama ainda viva exalando,
imperecível cólera de Hera contra minha mãe!!!

MARIA E JURANDIR (Aplaudem emocionadas) = UHUUU!! ARRASOU!!!

MARIA = Ê, Jurandir, tu falou bonito, mana!!!

JURANDIR = E tu também, colega!!! Eu tou falando que tem alguma coisa, nesse raspa- raspa.

DIDI = Bom, aí depois disso foi um sucesso!! Todo mundo só queria fazer desse jeito, todo mundo só queria me imitar!! E o pior, quem levou a fama de ter sido o primeiro ator da história, foi o pobre coitado que eu dei a chave de braço, um tal de Téspis sei lá o quê, humpf.

CENA IV = OS FESTIVAIS

JURANDIR = Ê, Didi, a gente falou bonito, mas eu não entendi nada dessa história.

DIDI = Ah, esse é um trecho das Bacantes, que um tempo depois o Eurípedes escreveu. É nada mais do que a história de minha vida. Papai, o todo poderoso Zeus, se enrabiou por uma mortal chamada Sêmele, e tiveram um lindo e maravilhoso filho, EU, só que papai já era casado com a Deusa Hera aí já viu né, a chifruda deu um jeito de fazer o Papi matar a Mami.

MARIA = Credo, Didi, mas esse teu teatro é só tragédia!!! Não quero ver história de morte. Não tem história de amor aí, não?

DIDI = Ai, Maria, esse teatro é só tragédia porque o nome é esse mesmo, isso foi o início das tragédias gregas, mas existe a comédia também que vai falar de amor, ou melhor, de sexo. (aproveita para apalpar Maria)

JURANDIR = Ei, vocês dois, dá pra parar de lenga-lenga?! Eu quero saber o que veio depois.

DIDI (pega no carrinho um saco de estalinhos e enquanto narra desenha no chão um anfi-teatro, localizando a posição do público, do coro e dos atores) = Ah, sim! Depois vieram os Festivais! Todo mundo começou a escrever as histórias que gostaria de contar daquele jeito e logo surgiu o Festival da Lenéia e da Dionísia Maior, em minha homenagem, é claro! Os melhores autores eram escolhidos e cada autor deveria apresentar 3 tragédias e 1 comédia! A multidão que cantava junto era chamada de Coro, e o cara que contava a história na frente era o Corifeu. Com o passar do tempo o coro foi diminuindo e o número de atores aumentando. Os teatros foram sendo construídos na encosta de montanhas e alguns deles cabiam até 17.000 pessoas na platéia!

MARIA = Credo, pra quê tanto?

DIDI = Ah, Maria, naquela época tudo era muito diferente, naquela época a cidade inteira ia ver teatro, o Governo pagava para as pessoas trabalharem no coro e sempre tinha alguém que queria ser o grande patrocinador. Teatro naquela época era uma NECES-SI-DA-DE. (pisoteia todos os estalinhos)

CENA V = EM ROMA PÃO E CIRCO

MARIA = Chique. Mas se era tão bacana assim por que mudou?

JURANDIR = Porque inventaram a televisão e todo mundo viu que novela é mais paidégua!

DIDI= ÉGUA! Não tem combate com vocês! Dá licença que eu vou vender meu raspa-raspa lá na praça da república, assim é mais jogo...

MARIA E JURANDIR = Não!!!!

JURANDIR = Ô Didi, não vai sem terminar a história.

MARIA= É, Didi, fica aí, me dá mais um raspa-raspa que é.

(DIDI se fazendo de difícil vai para a platéia e tenta vender utensílios de toda espécie)

DIDI = Ô seu menino, tá precisando de uma antena na sua casa pra assistir a novela? Essa aqui é cem por cento, se levar duas ganha uma raquete elétrica de matar mosquito de grátis...

(Jurandir e Maria combinam um plano)

JURANDIR = Então, tá. O Didi não quer mais contar, então vamo fazer sozinhas né, Maria?

MARIA = É, vamo!

(Maria e Jurandir, então, começam a reproduzir uma cena do ultimo capítulo da novela das oito da globo - esta cena deve ser toda improvisada pelos atores e atualizada a cada temporada- . Didi profundamente irritado em vê-las encenando a novela, interrompe a cena)

DIDI = Ahh não! Pode parar que agora é sacanagem!!! Sabem o que é isso? É herança de Roma! É Pão e Circo! Malditos Romanos, não entendiam nada de arte e acabaram copiando os Gregos, mas avacalharam tudo. O governo achava o teatro perigoso e por isso preferia dar ao povo um entretenimento que não fizesse ninguém pensar.

MARIA = Ah, Didi, mas não era lá na Roma que tinha o Comi-Eu?

DIDI = É, justamente, o Coliseu era lá. E essa deve ter sido a maior contribuição dos Romanos para o teatro eles inventaram o espetáculo! (Didi sobe no carrinho de raspas e faz Jurandir puxar o carrinho-biga como um cavalo, Maria vira um leão que persegue Didi, ao final da fala o Leão o devora brutalmente, o sangue é suco de acerola do carrinho) E a custo da vida de muitos escravos fez a multidão de espectadores do povo vibrarem com as lutas entre homens e leões.

(Os três se divertem e bebem mais raspas, principalmente Maria)

CENA VI - A IGREJA E A QUASE MORTE DO TEATRO

JURANDIR = E aí depois?

DIDI = Ah, depois acaba.

JURANDIR = Como assim acaba? Acaba o quê?

DIDI = O teatro.

JURANDIR = Acaba nada, a gente não tá fazendo aqui e agora?

DIDI = É, não acaba de vez, mas sumiu por um boooooo tempo. A Igreja achava um escândalo fazer teatro, então proibiu e condenou os atores e as famílias deles. Durante cinco séculos fazer teatro era heresia, bruxaria!

JURANDIR= Então como é que voltou?

DIDI = A própria igreja resolveu fazer teatro. (Distribui mais raspas, a esta altura as duas já estão semi-embregadas, rindo à toa)

JURANDIR= Ah, esse povo não se decide...

DIDI = É que o povão todo era analfabeto, e a igreja tinha que ensinar a sua religião então resolveu fazer os padres e monges encenarem as passagens da Bíblia.

MARIA = Eita que eu achava que essa história de padre artista era coisa do Fábio de Melo...

(Jurandir procura no carrinho de lixo asas e uma auréola, fica em pé em cima do carrinho)

JURANDIR = Maria, Alegra-te, cheia de graça! O Senhor está contigo!

(Didi pega um passarinho de miriti do carrinho e o manipula voando sobre a platéia. Maria meio embregada encarna uma Virgem Maria sensual que dá em cima do público)

JURANDIR= Não tenhas medo, Maria! Encontraste graça junto a Deus. Conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus.

MARIA = Oh, mas como acontecerá isso, se eu não conheço homem?

DIDI= (para a platéia) Humm, tá...

JURANDIR = O Espírito Santo descerá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra.

(Didi manipula o passarinho ao redor de Maria, “bulinando”)

MARIA= Quê isso, Didi?

DIDI = A pomba do Espírito Santo!

JURANDIR = Ê, bora parar com a sacanagem? Eu hein...

CENA VII = A COMÉDIA DELL’ARTE E O TEATRO ELISABETANO.

DIDI = É, foi isso mesmo, a Igreja parou com essa sacanagem de só ela poder fazer teatro e liberou de novo. E foi aí que ele voltou para as ruas, agora como ofício. Era a Comédia Dell’Arte!

MARIA = Quê isso, Didi?

DIDI = É Italiano, traduzindo significa Comédia dos Profissionais! Cada ator tinha um único personagem que encenava sempre. (Sobe no carrinho que se abre e vira palco, e apresenta os personagens montando um corpo para cada um) Arlequín, Brighella, Colombina, Dottore, Pantalone, Capitano e é claro os enamorados (tasca um beijo em Maria que cai na gargalhada de tão bêbada)

DIDI = É divertido mesmo, Maria. A comédia dell’arte foi o que provavelmente deu origem ao Palhaço.

JURANDIR = Ô Maria, acho que já tá bom de raspa-raspa pra ti.

DIDI = A Comédia Dell’Arte não seguia texto marcado, os atores entravam em cena sabendo mais ou menos o que iria acontecer e o resto era improvisado. Essa prática não durou muito tempo, logo veio a era do texto, ia-se ao teatro para ouvir uma peça e não ver, nessa onda surgiram grandes dramaturgos.

MARIA = “Cuméqueé”. Surgiu o que aonde?

DIDI = Os dramaturgos, são as pessoas que escrevem um texto pra teatro. Eles surgiram em vários lugares, na Espanha teve Lope de Vega, Tirso de Molina, Calderón de la Barca, na Inglaterra teve o Christopher Marlowe, William Shakespeare...

MARIA = Sou só eu que tou voando aqui?

JURANDIR = Também não entendi nada.

DIDI = Shakespeare, menina, ah por favor, ele escreveu Romeu e Julieta!

MARIA = Ahhh, eu vi sim. Eu vi esse filme.

JURANDIR = Ainda tou no zero.

DIDI = É a maior história de amor de todos os tempos! (Agarra Maria e tenta beijá-la)

MARIA = Ah, mas não é mesmo. Eles morrem no fim. História de amor tem que ter final feliz!

(Didi larga Maria e ela cai no chão)

DIDI = Desisto da Maria.

JURANDIR = Deixa a Maria pra lá ela é mulherzinha mesmo, continua.

CENA VIII = O EXERCÍCIO DA CADEIRA: REALISMO.

DIDI= Pior que foi mais ou menos isso que aconteceu, a sociedade estranhava as obras de shakespeare e alguns textos chegaram a ser alterados para terem finais felizes. Mais tarde quando apareceu a sociedade burguesa ninguém mais queria ver as grandes tragédias, queria-se ver histórias mais próximas da realidade, sobre intrigas e romances. Foi a era do romantismo.

MARIA = Ai, romantismo, eu já gostei...

DIDI = Mas como eu pessoalmente não gosto muito dessa época e como sou eu quem está contando a história eu vou pular essa parte e falar do realismo!

MARIA = Mas Didi...

DIDI = Então o realismo no teatro começou a surgir após a revolução industrial, queria-se fazer um teatro que falasse do que se estava vivendo na época, o mais próximo possível do mundo real. Aí inventou-se a quarta parede.

JURANDIR = Ué, quer dizer que já tinham 3?

DIDI = Tinham Jurandir, percebe: As peças eram apresentadas em teatros, salas fechadas, então era como se o palco tivesse três paredes, uma no fundo e duas do lado, como o realismo queria causar a ilusão de realidade colocou uma quarta parede entre a cena e o público.

MARIA = Ai, mas aí ninguém vê nada com uma parede na frente.

DIDI = Mas é uma parede de mentirinha. (viram de costas pra o público) Eu quero dizer que os atores passaram a ignorar a presença do público pra que o público esquecesse da sua vida e vivesse a vida dos personagens do palco. Entendeu?

MARIA = Mais ou menos...

DIDI = Aí, apareceu o Nemirovitch Dantchenko e o Constantin Stanislavsky...

JURANDIR = Eita porra!

DIDI = Calma, não é tão complicado. Esses caras o Dantchenko e o Stanislavsky queriam fazer um teatro livre dos exageros e dos gestos falsos do teatro daquela época. E com isso criaram o TAM.

MARIA = Empresa de avião?

DIDI = Não! Teatro de Arte de Moscow e lá desenvolveram um método para se fazer teatro mais próximo da realidade.

(põe o carrinho de lixo deitado no centro do palco e pede pra que Maria sente. Os dois assistem e com sotaque russo corrigem todas as ações de Maria na cadeira)

DIDI = Não, não, muito artificial.

JURANDIR = Podre, muito ruim.

DIDI = Eu quero verdade. Vamo lá!

JURANDIR = Podre, muito ruim.

DIDI = É preciso mais fé, Maira. Acredita mais quando sentar na cadeira.

JURANDIR = Podre, muito ruim.

MARIA = Ô Didi, olha a Jurandir aí. Eu não tou nem fazendo nada!

DIDI= Isso Maria, agora sim, esse é o caminho, bem melhor, menos é mais...

CENA IX= VERFREMUNGSEFFEKT E OUTRAS BEBIDAS.

MARIA = Ai, me dá um raspa-raspa é que é...

DIDI = Bom, e assim o Stanislavsky trabalhou com a memória emotiva, e finalmente o tal “método das ações físicas”, muito famoso até hoje.

JURANDIR(à parte) = Tão famoso que eu nunca ouvi falar.

DIDI = Tudo isso pra alcançar um nível de interpretação que fizesse o espectador enxergar a realidade que o cercava.

JURANDIR (bocejando) = Emocionante!

DIDI = Mas aí então, surgiu um cara que achou que pra que o público enxergasse a sua realidade ele não podia embarcar na ficção do palco, ele tinha que saber que teatro é de mentira, para que não achasse que a história apresentada era a solução definitiva, ele pensava que assim o espectador que assistisse ao seu teatro ia perceber que a realidade, assim como suas peças, pode sofrer mudanças. Esse era o teatro didático de Bertold Brecht.

MARIA = Eu hein, só tem nome estranho nesses teatros? Não tem nenhum José, não?

JURANDIR = Ai, Didi, não enrola. Mostra logo como é esse teatro didático.

DIDI = Ah, tu quer ver é? (tira do fundo do carrinho uma garrafa de suco muito diferente) Então pera aí que pra fazer esse eu tenho um raspa-raspa especial que eu mesmo inventei, se chama **Verfremdungseffekt**.

(Didi e Jurandir bebem da garrafa)

ATOR QUE FAZ DIDI (vai à frente do público) = Olá. Meu nome é _____. Eu estou aqui pra contar a história do teatro, proporcionando o acesso ao conhecimento, arte, cultura e lazer à população, esta é uma forma de resistência ao processo de exclusão social que infesta o País, e mais especificamente a cidade de Belém.

ATRIZ QUE FAZ JURANDIR (vai à frente do público) = O meu nome é _____, e eu sou atriz. Eu não tenho um emprego como tem a Jurandir. Eu tenho um ofício. E é por esta razão que agora nós vamos interromper e passar o chapéu.

(Os dois fazem a rodada de chapéu, enquanto isso, Maria observa achando tudo estranhíssimo)

MARIA= Jesus, Maria, José. Minha cabeça tá dando um nó. Vocês vão me enlouquecer hoje.

DIDI = Não tem problema enlouquecer, Maria. Doido também faz teatro. Inclusive um dos grandes homens de teatro da História não tinha os parafusos muito bem apertados.

JURANDIR = Ishi, era doido de pedra mesmo?

DIDI = Sabe que eu acho que não, Jurandir. Antonin Artaud era o único dele no mundo. Um incompreendido. Gênio. Poeta. Escritor, Dramaturgo. Roteirista. Diretor. Ator. Artaud. Seus escritos apaixonados influenciam gerações e gerações de criadores até hoje e não só na França, mas no mundo todo. Foi ele quem disse: “Eu represento totalmente a minha vida”. Eu, inclusive, gostei tanto da idéia que tô aqui agora.

MARIA = Mas Então, Didi, isso aí é lá na França, tu já falaste dos caras da Inglaterra, da Espanha... do realismo na Rússia, do Co-li-seu em Roma, das Tragédias na Grécia, e aqui no Brasil? Tem o quê?

CENA X= PADRE ANCHIETA E A PAIXÃO DE CRISTO EM CANUDOS:
JESUS MARIA JOSÉ OU DIDI, MARIA E JURANDIR.

DIDI = Bom, aqui só foi aparecer teatro no século XVII. Mais uma vez com a Igreja, mais uma vez pra catequizar, só que agora eram os índios. Surgiu com o Padre Anchieta, ele era babado, escreveu autos em tupi-guarani e botava no diabo o nome de índios de tribos inimigas, era uma “viagemmm”...

JURANDIR = Ah, é por isso que tem tanta Paixão de Cristo por aqui? Eu sempre vejo a de barcarena, minha ex mora lá, do lado da igreja...

DIDI = Aleluia, aleluia...! Não acredito, finalmente tu entendestes, Jurandir! Eu sabia que vocês conheciam teatro! Sabia que vocês já tinham visto. E tu Maria, já vistes também?

MARIA = Viu o quê? Paixão de Cristo? Ishi, mas se sou eu que faço a Virgem Maria todo ano no canudos. Só foi uma vez que não fui eu, porque eu não consegui chorar aí no outro ano me botaram pra Maria Madalena, mas foi só essa vez, sou sempre eu mesmo.

DIDI = Pera aí Maria, quer dizer que tu faz teatro e não me avisa? E eu aqui há uma hora te ensinando e tu já fazes teatro?

MARIA = Mas não é teatro teatro, é Paixão de Cristo, ué. Meu nome nem é Maria. É porque sou eu que faço a Maria todo ano, aí o povo só me chama de Maria.

JURANDIR = E COMO É TEU NOME, CRIATURA???

DIDI = Mas Maria, Paixão de Cristo é Teatro Teatro mesmo!

(Didi sobe no carrinho, usa o mastro das velas como cruz e entra crucificado. Jurandir puxa um microfone do carrinho e dubla as falas de Maria e Jesus)

MARIA = Meu Filho.

JESUS = Mulher eis ai o teu filho, João ai tens a tua mãe. (Jurandir corre e se põe ao lado de Maria interpretando João, volta ao microfone e prossegue) Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? Eu tenho sede, eu tenho sede, eu tenho sede. (Jurandir corre para frente e arremessa uma antena de TV como lança em Jesus) Tudo está consumado. Pai em tuas mãos entrego o meu espírito.

(Maria corre para o público em desespero e tenta chorar. Jurandir desce Jesus da cruz e os dois ficam ao fundo esperando para ver se Maria chora, ela parece não conseguir, depois de muita expectativa ela consegue e os dois aplaudem)

DIDI = Égua, arrasou, Maria. Só não foi melhor que eu, fiz igual o Thiago Lacerda na Nova Jerusalém.

MARIA = Vem cá. Não é tu que odeia novela e não gosta de televisão? Como é que tu conhece o Thiago Lacerda?

DIDI = Ah, mas vamo combinar que o Thiago Lacerda é um gato, gente. Esse eu não perco na novela...

JURANDIR = Eita, vai entender...

DIDI = Ai, ai, valeu o dia de hoje meninas, muito obrigado, foi muito divertido, mas agora eu já vou indo.

JUNTAS = Como assim??? Acabou??

JURANDIR = Mas pera aí, Didi. Tu não vais ressuscitar?

DIDI = (indo embora com o carrinho) É claro que eu vou, Juju. Amanhã! Amanhã e sempre.

(Maria e Jurandir ficam sós em cena e voltam a recolher lixo conversando, até que Maria lembra da platéia)

MARIA = Ei, Jurandir, mas e eles?

JURANDIR = Ih, é mesmo. Eles vão ficar aí até quando?

MARIA = Mana, eles tão aí porque a gente não agradeceu.

JURANDIR = Ah é? E como é que faz?

(Maria puxa Jurandir pelo braço e as duas agradecem)

Fim.